



www.delfimsantos.org

# Delfim Santos, desafiante historiador das ideias

Luís Washington Vita (1968)

Datiloscrito inédito destinado à obra *In Memoriam de Delfim Santos*, substituiu uma primeira entrega com o título 'Silêncio e Extraposição' (1967).

É fora de dúvida que a obra especulativa de Delfim Santos terá uma existência perdurante para além da sua morte, pois o pranteado pensador português se esforçou por bem cumprir a missão a que se devotou com dedicada persistência e amorosa entrega. Perpassou praticamente, às vezes com funda penetração, por todos os meandros e dédalos do pensamento filosófico, com especial ênfase na dimensão antropológica, o que explica sua incessante busca da *humanitas* no homem, levando-o, como ele mesmo declarara, «ao encontro de si mesmo, permitindo-lhe a descoberta de valores capazes de lhe dar sentido à vida» obviando o «esquecimento do homem pelo homem», já que «o homem compreendeu que tem de voltar a encontrar-se».<sup>1</sup> Para Delfim Santos este revelar do humano ao próprio homem só é possível através da filosofia, uma vez que esta «não é cultivo de pensamento inútil e divagante, mas indispensável atividade, implícita em todas as formas do comportamento humano»,<sup>2</sup> porquanto «ninguém ousará negar o valor e a urgente exigência da filosofia na delimitação dos métodos convenientes para a apreensão dos diferentes núcleos da realidade».<sup>3</sup> Isto porque «a filosofia como órgão de libertação, do encontro do homem consigo mesmo, prepara a exposição das ideias acerca da 'filosofia como teoria e prática da experiência',<sup>4</sup> pois se o núcleo de liberdade constitui o homem, seu órgão é a filosofia».<sup>5</sup>

Delfim Santos, todavia, era daqueles «que sabem que da filosofia depende a estruturação séria da personalidade e da cultura nacional»,<sup>6</sup> sem falar «que nem só a

<sup>1</sup> Cultura e História, Lisboa: *Medicina, Revista de Ciências Médicas e Humanismo* IX-57, 1943, 3.

<sup>2</sup> Atualidade e Valor do Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra, *Studium Generale*, Porto: Centro de Estudos Humanísticos, 3-1, 1956, 5.

<sup>3</sup> *Op. cit.*, 6.

<sup>4</sup> Leonardo Coimbra e o sentido de sua contribuição filosófica, *Atas do Colóquio de Estudos Filosóficos*, Braga/Porto, 1959, 14-15.

<sup>5</sup> *Atualidade...*, *op. cit.*, 15.

<sup>6</sup> Prefácio a Leonardo Coimbra, *O Criacionismo (síntese filosófica)*, Porto: Tavares Martins, 1958, XV.



www.delfimsantos.org

paisagem e as formas de vida no seu aspecto folclórico e etnográfico exprimem algo de característico da estrutura de um povo, radicado multissecularmente ao seu solo, mas também e essencialmente as formas típicas de pensamento que os seus homens mais representativos puseram em jogo». <sup>7</sup> Para Delfim Santos, portanto, um país se revela no seu pensamento filosófico. Daí o empenho por ele demonstrado na busca do sentido de lusitanidade naqueles que praticaram a filosofia em Portugal vinculando-a à idiosincrasia terrantesa, notadamente Silvestre Pinheiro Ferreira, Sampaio Bruno e Leonardo Coimbra. Este vínculo, porém, exige uma perspectiva, isto é: só se pode contribuir com alguma originalidade nacional na medida em que se possa contrastar com o transnacional. Daí o ponto de vista paradoxal formulado por Delfim Santos – ele que também fora um ‘estrangeirado’ – ao dizer que o pensamento português só se encontra com as suas raízes quando exilado. Ou seja: «Demasiado curioso, o português entrega-se facilmente à atividade de transporte, levando para longe os valores tradicionais da sua grei, ou trazendo do longínquo para a pátria o que se lhe afigura novo, útil ou fecundo. Raras vezes se demora em si a refletir o que pode ser propriamente seu. Ou como possesso de expansionismo se entrega ao longínquo, ou como carreador do que pertence aos outros produz na cultura nacional um ergogitamento que chega a alterar-lhe a típica morfologia. Daí resulta muitas vezes o patente aspecto de desequilíbrio, ou desnacionalismo, da nossa cultura. Em geral, são os homens que nunca saíram da pátria que mais perturbações lhe têm trazido com o carrear de estilos, valores, etc., artificialmente desprendidos das respectivas culturas em que germinaram e se desenvolveram. Os homens que real e autenticamente desempenharam papel de relevo na cultura nacional são, na maior parte, aqueles que em meios estrangeiros se demoraram e, na volta, se dedicaram à fecunda missão de determinar as coordenadas típicas da mentalidade portuguesa». <sup>8</sup> Quer dizer: «Em resumo, o estrangeirismo da nossa cultura é consequência do provincianismo do intelectual que conhece as coisas do estrangeiro a partir de casa, ou pelos livros que de lá vêm». <sup>9</sup>

Este acanhado ‘provincianismo’ leva-o a distinguir o que entende por problemática e por sistemática filosóficas: «a problemática filosófica não tem pátria, é alimento da situação interrogativa do homem; a sistemática filosófica não só tem pátria mas também dono e é conjunto de respostas que só ao dono, ou aos seus pares, pode servir. O fim do século passado e o princípio do nosso século em Portugal, no domínio filosófico, assistiram à inflação de doutrinas e sistemas de respostas não adequadas à situação interrogante do homem português que, em filosofia, respondia antes de se interrogar, afirmava antes de compreender, aceitava antes de comprovar». <sup>10</sup>

<sup>7</sup> *O Pensamento Filosófico em Portugal*, Portugal, Lisboa: SNI, 1946, 252.

<sup>8</sup> Silvestre Pinheiro Ferreira, *Perspectivas da Literatura Portuguesa do Século XIX*, 1, Lisboa: Ática, 1947.

<sup>9</sup> *Op. cit.*, 20.

<sup>10</sup> *Atualidade...*, *op. cit.*, 9.



www.delfimsantos.org

Por isso: «A filosofia em Portugal, com honrosa exceção de Sampaio Bruno, seu [de Leonardo Coimbra] precursor, era visão panorâmica a partir de um 'ponto de vista' colhido em sistema já elaborado. Era obra a realizar com ferramenta de outros que podiam ser Platão ou Aristóteles, Agostinho ou Tomás, Bacon ou Descartes, Leibniz ou Kant, Comte ou Spencer ou outros de menor categoria. A nossa literatura filosófica do século XIX tem aspecto de aguerrida batalha entre hostes que se criticam sem se pretenderem compreender e que, em geral, fazem valer o princípio da modernidade como se, em filosofia, as teorias se invalidassem, como na ciência, com a refutação do mais antigo pelo mais moderno. O melhor seria o último na longa série de nomes que a história cronologicamente vai alinhando. As fastidiosas polémicas entre a razão e a fé, o dogmatismo e o ceticismo, a ciência e a religião, a ciência e a filosofia, são clara expressão da carência de espírito filosófico que se vai deixando substituir por formas mais ou menos vagas de cientismo. Submete-se o homem a critérios de exatidão, esquecendo que ele é essencialmente contingente, discutem-se soluções esquecendo que só vale a solução por nós encontrada, confunde-se religião com política e política com filosofia. A culpa não foi só nossa, é certo, mas a culpa tornou-se igualmente nossa, o que não deixa de ser, talvez, mais grave ainda».<sup>11</sup>

Isto defluiu, ao que tudo indica, dos fatores de inibição do pensamento português localizados no próprio país: «Sem a preparação pedagógica da nação, sem a organização de universidades propulsoras de cultura dirigida para a apreciação dos autênticos valores nacionais, todo o trabalho individual, por genial que seja, fica apenas como 'caso' a registrar, mas nunca atinge a verdadeira missão que lhe deveria caber de plasmador das formas de pensamento típicas da nação».<sup>12</sup> São estes casos que Delfim Santos registra, como o de Silvestre Pinheiro Ferreira, que se propusera «realizar a atualização da cultura nacional pela única via que pode atualizar qualquer cultura: a fundamentação filosófica, ou radicalização das estruturas típicas do pensamento, como podiam ser apreendidas pelos homens mais representativos da primeira metade do séc. XIX».<sup>13</sup> É esta atividade crítica que Delfim Santos denomina «fundo sentido de portuguesismo e contemporaneidade».<sup>14</sup> E que tem sequência na obra de Sampaio Bruno que, por um lado, se interessava sobretudo pela «formação típica do nosso pensamento filosófico e não a importação de soluções sem articulações com a nossa tradicional especulação»<sup>15</sup> e, por outro lado, «pretendeu

<sup>11</sup> *Op. cit.*, 11.

<sup>12</sup> *O Pensamento filosófico em Portugal*, *op. cit.*, 251-252.

<sup>13</sup> Silvestre Pinheiro Ferreira, *op. cit.*, 23.

<sup>14</sup> *Op. cit.*, *loc. cit.*

<sup>15</sup> 'Bruno', *Dicionário das literaturas Portuguesa, Brasileira e Galega*, dir. de Jacinto Prado Coelho, Porto: Figueirinhas, 1960, 108.



informar os seus compatriotas que, com poucas exceções, afastados estavam e continuam estando, da problemática que é fundamento de toda e qualquer cultura».<sup>16</sup>

Como se vê, enquanto historiógrafo do pensamento português, Delfim Santos se apresenta sem nenhum sonante verbalismo nem retórica de aparato, denunciando ao mesmo tempo, com Adolfo Coelho, a «superstição do prático, em que vivemos desde a reforma do Marquês de Pombal, [que se] esqueceu que 'nada há de mais prático do que uma boa teoria'». <sup>17</sup> Não obstante voltado para o evolver das ideias, jamais adere aos princípios historicistas, o que denota seu arraigado vínculo português, inclusive quando não vacila em afirmar que «Aristóteles é o pensador sempre presente em todos os momentos da especulação nacional». <sup>18</sup> E isto porque: «O fundamento de uma cultura terá sempre de ser prospetivo e não apenas histórico, e a confusão que faz da história fundamento de cultura – ou seja, o historicismo – é uma lamentável revelação de incultura». <sup>19</sup>

\* \* \* \*

Neste simples arrolar dos filosofemas de Delfim Santos referentes à sua concepção do passado filosófico português (que só se reveste de significação nacional quando atento ao e imerso no contexto histórico-espiritual do país), verifica-se quão pertinente fora [a sua reflexão]. Trata-se de algo que vai além da mera atitude para se transformar numa denúncia do que deve ser delatado e corrigido e, ao mesmo tempo, numa recomendação do que seve ser seguido e executado. E sua própria obra especulativa é o exemplo da lição que preconiza, voltado para as exigências pedagógicas de Portugal no esforço de romper com os entraves de toda a ordem, para que o país se encontre consigo mesmo na autenticidade dos valores culturais que lhe são peculiares. Em verdade, o impulso que alenta a historiografia filosófica de Delfim Santos é um profundo sentimento nosístico, de busca e rebusca da essencial lusitaneidade do pensamento praticado em Portugal, descartando o espúrio ou o alienígena para quedar-se com o nativo. É evidente que não se trata aqui de uma possível ou desejável 'Filosofia Portuguesa' já que sua problemática é universal, mesmo na sua dimensão nostálgica ou saudosa pois atribuir tais sentimentos recônditos apenas ao ser português é exauri-los de sua qualificação humana em geral para os transformar num dado por assim dizer folclórico e intransferível. Se se admitissem balizas culturais que encerram sentimentos humanos, como se a dor moral fosse diferente em função das latitudes, certamente tais fenômenos pouco teriam que ver

<sup>16</sup> *Sampaio Bruno na Cultura Nacional*, conferência inédita [proferida em 1958, seria publicada postumamente como 'Sampaio Bruno na cultura portuguesa', S. Paulo: *Revista Brasileira de Filosofia* 18-71, 1968, 259-276].

<sup>17</sup> Adolfo Coelho como pedagogo, *A Criança Portuguesa*, Lisboa: Boletim do Instituto António da Costa Ferreira 6, 1946-1947, 14.

<sup>18</sup> *O Pensamento filosófico em Portugal*, *op. cit.*, 275.

<sup>19</sup> *Cultura e História*, *op. cit.*, 4.



[www.delfimsantos.org](http://www.delfimsantos.org)

com os sentimentos e longe estariam de serem humanos. Claro está que não é isto que tinha em vista Delfim Santos, o que explica vislumbrar ele estrias 'nacionais' somente na sistematização da problemática filosófica universal. Então sim, é possível e desejável exigir-se a resposta autêntica, túrgida de significação terrantesa, empapada de nacionalidade, comunicável e acessível, porque concreção teórica de uma prática vivida e sofrida. *Praxis* que transborda de *theoria*, aquela iluminada por esta e a segunda dando sentido e direção à primeira. Daí o resultado último que se tira da historiografia filosófica ensejada por Delfim Santos: uma História da Filosofia em Portugal teria que ter um esquema que lhe fosse peculiar, consistindo num ponto-de-encontro de vetores do espírito, de retrospeção dos 'momentos' de constância doutrinária e de prospecção do que pode vir a ser e que, fatalmente, será. Eis aí um método, um caminho aberto por Delfim Santos no campo da história das ideias portuguesas. Segui-lo é mais que um convite: é um desafio que cabe às jovens gerações de estudiosos aceitá-lo. Ou não...

Luís Washington Vita